



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_20/2015

*Homilia na cerimónia de investidura
da Ordem do Santo Sepulcro*

Braga, 30.Out.2016

Ingressar na aventura da fidelidade

Pela História, sabemos que a Ordem do Santo Sepulcro teve início no século XI. Nasceu com uma finalidade muito precisa: conquistar e defender, à mão armada, os lugares Santos da Terra Santa. Assegurava-se, deste modo, as peregrinações dos cristãos vindos de todo o mundo. Mas cedo se confirmou a necessidade de redefinir os objectivos. Os membros da Ordem do Santo Sepulcro devem promover o crescimento tanto espiritual como no amor a Deus. Devem também viver as virtudes cristãs, nomeadamente na ajuda material a quem sofre perseguição e passa por necessidades nas terras calcorreadas por Jesus.

Infelizmente continua a ser necessário olhar para esses lugares. Mas a consciência cristã leva-nos a olhar igualmente para os ambientes onde vivemos. Neles cresce uma indiferença provocada pelo comportamento de muitos que, quotidianamente, se empenham por eliminar o nome de Cristo da História. Os cristãos vivem adormecidos e avança um secularismo alarmante. Ainda podemos, é certo, apresentar as nossas convicções, mas o comodismo ou medo retrai-nos de uma presença cristã qualificada na sociedade. Isto significa lutar por um mundo cristão e testemunhar, corajosamente, a fé sem inibições de qualquer género. Sabemos que nem sempre é fácil. Quando nos sentimos abafados preferimos não arriscar.

Parece-me que é precisamente neste domínio que reside a actualidade da Ordem do Santo Sepulcro. Sem descorar a Terra Santa, com a nossa oração e ajuda material, é necessário olhar esta terra onde Deus nos colocou. Nela testemunhamos e proclamamos o Amor de Cristo pela Humanidade. É com dor que constatamos que, parte da sociedade, mesmo declarando-se católica, vive como se Deus não existisse. Este tipo de cristianismo não faz sentido nem tão pouco é suficiente a participação ocasional em momentos de devoção religiosa. A corrente secularizante é de tal ordem que necessitamos novamente de uma cruzada que protagonize a fidelidade a Deus na redescoberta dos conteúdos da fé. Este itinerário levar-nos-à a mostrar, sem disfarces, a alegria que a fé empresta às nossas vidas.

Os Estatutos da Ordem afirmam que importa “reforçar nos membros a prática de vida cristã, em absoluta fidelidade ao Sumo Pontífice e segundo os ensinamentos da Igreja”. Urge, por isso, que a Ordem do Santo Sepulcro seja esta luz que emerge em todos os ambientes onde vivem os Cavaleiros e Damas. Esta é a consequência natural de uma vida cristã assumida em plenitude e em fidelidade ao Papa e aos ensinamentos da Igreja. Esta é a trilogia que gostaria hoje de sublinhar: vida cristã, fidelidade ao Papa e à Igreja.



Exorto-vos a confessar a fé com audácia, a abraçar os dramas humanos, sempre e em qualquer lugar, e, pessoalmente ou em grupo, a aprofundar a adesão a Cristo. A História liga a Ordem ao Santo Sepulcro, ao lugar e à memória de Cristo Crucificado e Ressuscitado. Jesus foi aí depositado mas Ressuscitou. Venceu a morte e cabe-nos a nós, os discípulos, mostrar que Ele está vivo na história da Humanidade. Sim! Importa salvaguardar com amor os lugares onde Cristo esteve. Mas acordemos e corramos a anunciar que está vivo, mesmo que outros continuem a projectar a Sua morte.

O papa Francisco recordava num discurso à Ordem do Santo Sepulcro: “sede testemunhas do sentido profundo, da luz que a fé traz; sabeis conservar a grande riqueza de valores de sabedoria do passado, vivendo intensamente o presente, comprometendo-vos no hoje, com o olhar dirigido para o futuro, abrindo horizontes de esperança através da vossa obra, para conferir à sociedade um aspeto mais humano”. Não esqueçamos! A caridade, a compaixão, o amor em benefício dos irmãos e irmãs da Terra Santa é mais urgente do que nunca. Não é possível desviar-se deste objectivo. Mas Cristo deve regressar ao mundo Ocidental e não podemos distrair-nos, tranquilizando a nossa consciência com pequenas generosidades realizadas circunstancialmente.

O Papa Francisco, na *Alegria do Evangelho*, alerta-nos para o perigo de um mundanismo espiritual que permite que “a vida da Igreja se transforme numa peça de museu ou numa possessão de poucos”. Perdidos em coisas pequenas, mesmo de ordem espiritual, “alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados de um batalhão que continua a lutar”.

Pensando em Maria, Nossa Senhora de Jerusalém, convido-vos a rever a vossa vida segundo as palavras de Santa Isabel, acabadas de ouvir: “Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor”. Como ontem, continuamos a ouvir: “Eu venci o mundo”. Acreditemos seriamente na sua palavra, mostremos efectiva fidelidade ao Papa e à doutrina da Igreja e, não descorando a Terra Santa, olhemos para a nossa terra que já foi Terra de Santa Maria.

Este tempo da modernidade está a retirar todos os sinais de uma cultura cristã. Não nos iludamos. O Evangelho é a nossa força e as palavras de Santa Isabel são a nossa coragem. Ser Cavaleiro ou Dama deveria ser sinónimo deste alistar-se nas fileiras de pessoas, na procura permanente de uma fé consciente. A partir daqui, conseguimos interpretar uma campanha que luta e trabalha para que Deus volte a fazer parte da história de Portugal e, como consequência, surja um humanismo onde respeitamos todas as pessoas e fazemos tudo para que ninguém seja privado da dignidade de Filho de Deus.

As diferenças sociais são muitas e graves. Não façamos de conta que não vemos. Elas estão ao nosso lado e esperam por um olhar compassivo para socorrer e consolar. A vitória de Cristo é a vitória da dignidade de todos os homens.

Reconheçamos a urgência de grupos e associações que congreguem cristãos, não por motivos secundários, para se alistarem nesta ousadia de mostrar ao mundo a perenidade do amor de Cristo. Como em Maria, o Todo-Poderoso quer fazer em nós maravilhas e, por nosso intermédio, maravilhas



maravilhas no mundo. Com o testemunho de vida cristã, professada e vivida, usemos as armas da fé e a esperança voltará à casa de muitos portugueses. Uns, sem fé, encontrarão o Cristo que procuram sem o saber. Outros, sem alimento, serão saciados, através dos nossos pequenos gestos, graças à misericórdia expressa nas suas quinze obras. Que Maria nos ajude.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*